



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Santos, Luciana Carla dos; Marturano, Edna Maria
Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 12, núm. 2, 1999, p. 0
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18812209>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento

Luciana Carla dos Santos¹²

Edna Maria Marturano

Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto

Resumo

Considerando que dificuldades de aprendizagem são fator de vulnerabilidade no desenvolvimento, intensificadas quando presentes outras condições adversas, buscou-se verificar a associação entre condições antecedentes e ajustamento atual, em adolescentes que quando crianças foram atendidos em um ambulatório de psicologia por dificuldades de aprendizagem. Os adolescentes e suas mães foram entrevistados. Dados referentes às condições de vida na época do atendimento foram obtidos em prontuários. Avaliados 41 adolescentes de ambos os sexos, com idade média de 13 anos e nove meses, foram constituídos dois grupos: G1, com nove adolescentes encaminhados a serviços de Saúde Mental por apresentarem atualmente dificuldades severas de ajustamento; G2, com dez adolescentes apresentando dificuldades mínimas de ajustamento. Comparando os grupos, observou-se maior acúmulo de fatores negativos antecedentes, familiares e pessoais, no grupo de adolescentes com pior ajustamento atual. Torna-se clara a necessidade de acompanhamento psicológico das crianças com dificuldade de aprendizagem associada a outras condições de vulnerabilidade. *Palavras-chave:* Dificuldade de aprendizagem; ajustamento sócio-emocional.

Children with learning problems: a follow-up study

Abstract

Considering that learning problems are a vulnerability factor throughout child development, mainly when other adversities are present, this research investigated the association between past conditions and present adjustment in adolescents who have attended a child guidance clinic because of their learning difficulties. The adolescents and their mothers were interviewed and data related to past life conditions were taken from their files. We assessed 41 adolescents of both sexes, with an age mean of 13,8 years. Of those, two groups were constituted. The first had nine adolescents referred to mental health services because of severe adjustment problems. The second, ten adolescents with minimal adjustment difficulties. The comparison between groups showed more personal and familiar negative past conditions among adolescents with poorer present adjustment. These results point to the need for psychological follow-up of children presenting learning problems associated with other vulnerability conditions. *Keywords:* Learning disability; socio-emotional adjustment.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Consideram-se dificuldades de aprendizagem aquelas apresentadas ou só percebidas no momento de ingresso da criança no ensino formal. O conceito é abrangente e inclui problemas decorrentes do sistema educacional, de características próprias do indivíduo e de influências ambientais (Pain, 1985).

Dificuldades de aprendizagem são vistas como uma condição de vulnerabilidade psicossocial (Rutter, 1987). A criança com dificuldade na aprendizagem pode desenvolver sentimentos de baixa auto-estima e inferioridade (Erikson, 1971). Dificuldades na aprendizagem escolar freqüentemente são acompanhadas de déficits em habilidades sociais e problemas emocionais ou de comportamento; essas associações se verificam, tanto quando se empregam critérios mais restritivos de identificação das dificuldades de aprendizagem (Kavale & Forness, 1996), como em abordagens genéricas do insucesso escolar (Hinshaw, 1992). Assim, essa condição, quando persistente e associada a fatores de risco presentes no ambiente familiar e social mais amplo, podem afetar negativamente o desenvolvimento do indivíduo e seu ajustamento em etapas subseqüentes.

Na adolescência, o fracasso escolar persistente traz o risco de desadaptação psicossocial associado à evasão. O abandono da escola pode levar ao sub-emprego, à probabilidade aumentada de afiliar-se a grupos marginalizados e a outras circunstâncias que restringem o acesso a oportunidades favoráveis e aumentam a probabilidade de desadaptação (Maughan, Gray & Rutter, 1985).

Estudos de seguimento confirmam a condição de vulnerabilidade de adolescentes que apresentaram e/ou apresentam dificuldades de aprendizagem. A maior parte dos estudos disponíveis trata de dificuldades de aprendizagem diagnosticadas. Os adolescentes afetados mostram mais sinais de mau ajustamento pessoal e mais comportamentos anti-sociais (Spreen, 1982), e apenas uma minoria se relaciona satisfatoriamente com seus companheiros (McKinney, 1989). Um estudo de seguimento, realizado em nosso meio, indicou que uma em cada cinco crianças referidas para atendimento psicológico em virtude de baixo rendimento escolar apresentou problemas sérios de adaptação na adolescência, como envolvimento com drogas, incidentes criminais e conflitos intensos nos relacionamentos (Marturano, 1997).

A dificuldade de relacionamento é uma variável que aumenta a vulnerabilidade do adolescente com problemas na aprendizagem, dada a importância dos relacionamentos com os pares nessa fase do desenvolvimento. Por outro lado, a família e as relações parentais também afetam a vida dos adolescentes, pois os sentimentos de apego, nesta fase, devem estar seguros para promover a competência social com os pares, ajustamento emocional, auto-estima e menor dependência do suporte externo. A forma como os pais encaram a paternidade e as práticas educativas que utilizam fazem parte deste processo, que sofre a influência de diversas variáveis como características dos próprios pais, características dos filhos, contexto social, expectativas de pais e filhos, história prévia dos pais enquanto filhos, entre outras. A interação destes fatores leva a práticas parentais que agem, direta ou indiretamente, nos comportamentos, sentimentos e habilidades dos filhos (Hart, Ladd & Bulerson, 1990).

Pesquisas de seguimento realizadas entre a meninice e a adolescência apontam que crianças que apresentaram comportamentos agressivos, mesmo que controlados, naquela fase, continuavam a apresentar tais comportamentos na adolescência, sendo estes comportamentos mais intensos quando comparados com adolescentes que não haviam apresentado tais características na meninice. Parece existir ainda alta correlação entre a estabilidade de comportamentos agressivos, no período que vai da meninice à adolescência, por um lado, e por outro, maiores adversidades familiares e práticas educativas autoritárias. Indivíduos que apresentavam maior estabilidade da agressividade entre a meninice e a adolescência pertenciam a famílias que haviam passado por maiores adversidades ambientais e/ou famílias que aplicavam práticas educativas mais autoritárias, não promovendo o auto-controle em seus filhos (Feldman & Weinberger, 1994; Tremblay & Haapasalo, 1994). Adolescentes que vêm de ambientes familiares inadequados, com práticas inefetivas, aparecem como menos populares,

PSICOLOGIA REFLEXÃO E CRÍTICA

menos aceitos pelos pares e com maior probabilidade de dificuldades no ajustamento sócio-emocional e acadêmico (Hart e cols., 1990).

Acresce que, com o passar dos anos de escolaridade dos filhos, os pais passam a monitorá-los menos. O envolvimento adequado dos pais com a escolaridade dos filhos promove não só o envolvimento dos filhos com esta, como também um melhor rendimento escolar e bom nível de auto-estima (DeBaryshe, Patterson & Capaldi, 1993). A valorização, o engajamento e o encorajamento dos pais com relação à escolaridade dos filhos promovem nos filhos a motivação intrínseca para o aprendizado, e parecem associados ao maior grau de iniciativa dos filhos em sala de aula. Em contrapartida, pais que não se envolvem, não se engajam com a escolaridade dos filhos ou cobram de maneira excessiva geram um baixo nível de motivação intrínseca e um alto nível de motivação extrínseca, sendo que estes adolescentes têm baixa iniciativa em sala de aula (Ginsburg & Bronstein, 1993).

O ambiente familiar sofre influências de diferentes variáveis, advindas de contextos com os quais pais e filhos interagem. A influência destas variáveis sobre os pais parece associada a alterações em suas práticas educativas e, conseqüentemente, ao seu envolvimento com a escolaridade dos filhos. Entre as variáveis que parecem interferir diretamente nas práticas educativas temos: dificuldades econômicas, dificuldades conjugais, psicopatologias parentais, estressores do dia-dia, entre outras. Estas variáveis, que agem como pressões na vida familiar, influenciam de diferentes maneiras em cada fase do desenvolvimento dos filhos (Dodge, 1990; Fauber, Forehand, McThomas & Wiersen, 1990; Grych & Fincham, 1990).

Diferentes variáveis influenciam no risco de desajuste sócio-emocional e acadêmico dos adolescentes. Parece difícil uma relação direta entre uma dada variável e um problema de desajuste específico. No entanto, tem-se de forma bastante clara que, quanto maior o número de variáveis que agem de forma negativa sobre o ambiente familiar, práticas educativas e filhos, maior a vulnerabilidade dos filhos e probabilidade de apresentarem problemas de ajustamento e desempenho (Fergusson, Horwood & Lawton, 1990; Sameroff, Seifer, Baldwin & Baldwin, 1993). Assim, ao se pensar no ajustamento atual de adolescentes que, quando crianças, apresentaram dificuldades de aprendizagem, temos que considerar as variáveis ligadas à família e ao adolescente, além das novas características deste período do desenvolvimento.

Diante desse contexto o presente trabalho teve como objetivo verificar como se encontram, quanto a condições adaptativas, ex-clientes de uma clínica-escola de Psicologia, que foram atendidos em razão de dificuldades de aprendizagem e receberam alta clínica. Buscou-se verificar a situação atual desses clientes, atualmente adolescentes, quanto à escolaridade e aos relacionamentos familiares e sociais mais amplos. Procurou-se alcançar esse objetivo através de um estudo de seguimento, em que a situação pessoal atual do adolescente foi associada com variáveis presentes em dois momentos de seu percurso de vida: a) características pessoais (recursos e dificuldades) e ambientais (recursos e adversidades) relatadas por ocasião do atendimento; b) características do ambiente atual, relatadas no seguimento. Esse delineamento se baseou em dois pressupostos: o primeiro era que adolescentes com melhor adaptação atual teriam contado com condições mais favoráveis, quer pessoais, quer familiares, em seu percurso da meninice à adolescência; o segundo, que tais condições se refletiriam nas medidas obtidas em dois momentos desse percurso.

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi composta de 41 adolescentes (26 meninos), com média de idade de treze anos e nove meses, e suas respectivas mães ou responsáveis. Esses adolescentes, quando

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

crianças, haviam passado por avaliação e atendimento psicopedagógico de no mínimo seis meses, em uma clínica-escola de Psicologia, por dificuldade na aprendizagem escolar, e haviam recebido alta clínica há pelo menos dois anos (média três anos).

Instrumentos e Procedimentos

Primeira Fase: Início do Atendimento

Para a identificação dos recursos e adversidades na família e recursos e dificuldades da criança no início do atendimento, foram consultados os registros referentes às entrevistas de *anamnese*, realizadas durante o processo diagnóstico, de acordo com um roteiro padronizado que inclui os seguintes tópicos: queixa, história escolar, trajetória de desenvolvimento, ambiente de desenvolvimento e aprendizagem, dinâmica familiar e relacionamentos sociais. As informações foram classificadas quanto a recursos e adversidades apresentados pela família e recursos e dificuldades apresentados pela criança no início do atendimento, utilizando-se o *Guia para Classificação de Recursos e Adversidades*, previamente elaborado e testado por Marturano, Alves e Santa Maria (1996). Esse guia inclui as seguintes classes de recursos e adversidades *na família*: condições pré-natais, condições duradouras, eventos desestabilizadores, relacionamento pais-criança, sentimentos e crenças dos pais sobre a criança, práticas educativas, condições incidindo sobre a mãe, aspectos ligados ao desenvolvimento e aprendizagem, ambiente social mais amplo. Quanto às classes relacionadas aos recursos e dificuldades *da criança* são incluídas as seguintes áreas: funcionamento cognitivo, área escolar, humor e afetos, sociabilidade, habilidades da vida diária, comportamento funcional. Esta classificação, como as demais que utilizaram o mesmo guia, foi feita por uma auxiliar de pesquisa, psicóloga, que não participou das entrevistas e desconhecia as informações sobre os adolescentes.

Segunda Fase: Seguimento

Os instrumentos utilizados nessa fase foram um Roteiro de Entrevista de Seguimento, a Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter e o Questionário de Monitoramento Parental. O Roteiro de Entrevista de Seguimento, aplicado às mães, incluía itens referentes a evolução clínica, história escolar, novas queixas, dinâmica familiar e relacionamentos sociais. Foi testado quanto à estabilidade em duas aplicações, com vinte dias de intervalo, realizadas com duas mães. Após as entrevistas, os relatos foram classificados quanto aos recursos e adversidades em diferentes áreas da vida e funcionamento da família e do adolescente. Verificada a equivalência das duas classificações, item por item, os índices de estabilidade obtidos foram de 84% e 68%.

A Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, traduzida e adaptada por Graminha (1994), inclui 36 itens, fornecendo um escore global, assim como escores relativos a problemas de saúde, hábitos e de comportamento.

O Questionário de Monitoramento Parental focaliza a supervisão fornecida pelos pais aos filhos, relatada pelos filhos. Foi elaborado para esta investigação, a partir dos estudos de Goodyer, Wright e Altham (1990) e McNally, Einsenberg e Harris (1991). O questionário é composto de 32 questões fechadas. Dessas, 14 são dirigidas ao tipo de monitoramento fornecido pelo pai, 14 são dirigidas ao tipo de monitoramento fornecido pela mãe e quatro dirigidas ao tipo de monitoramento fornecido pelos pais em conjunto. O índice médio de estabilidade, alcançado em duas aplicações, com duas semanas de intervalo, feitas com três adolescentes, foi de 95%.

Foram enviadas cartas e/ou feitos telefonemas convidando os ex-clientes para uma entrevista de seguimento. Todas as famílias solicitadas concordaram, com exceção de um adolescente, tendo sido realizada a entrevista, neste caso, somente com sua mãe.

As entrevistas de seguimento foram conduzidas pela primeira autora, psicóloga com treinamento clínico, e prosseguiram da seguinte forma: inicialmente entravam na sala mãe ou responsável e

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

adolescente; os objetivos da pesquisa eram explicados e, caso concordassem, a mãe assinava o Termo de Consentimento Informado. Os instrumentos eram aplicados em entrevistas individuais, separadamente, com o adolescente e sua mãe. Em seguida, era feita uma devolução conjunta, propondo-se, quando julgado necessário, os encaminhamentos cabíveis. Em virtude de dificuldades adaptativas detectadas durante as entrevistas de seguimento, onze adolescentes foram encaminhados para serviços de psiquiatria ou psicologia da comunidade.

Para investigar a associação entre a situação atual do adolescente e as condições pessoais/ambientais atuais, bem como entre sua situação atual e as condições pessoais e ambientais anteriores, foram constituídos dois grupos, a partir dos dados obtidos no seguimento com as mães/responsáveis e adolescentes: Grupo 1, formado pelos onze adolescentes que, por apresentarem problemas adaptativos sérios, haviam sido encaminhados a serviços de psicologia/psiquiatria; Grupo 2, composto pelos onze sujeitos que, na avaliação da entrevistadora, apresentavam os melhores indicadores de adaptação escolar e social. Para verificar a adequação desse procedimento de composição dos grupos, pediu-se a uma psicóloga com formação em Psicopedagogia Clínica que classificasse os 41 sujeitos, a partir das transcrições das entrevistas de seguimento com a mãe/responsável e com o adolescente, em três grupos, de acordo com o grau de adaptação escolar e social, forçando a classificação para que cada grupo tivesse no mínimo dez sujeitos.

Comparados os dois grupos extremos resultantes dessa segunda classificação com aqueles resultantes da classificação da entrevistadora, houve três desacordos, sendo dois no grupo dos adolescentes mais prejudicados e um no grupo considerado mais bem adaptado. Excluídos esses casos, o Grupo 1 (G1) ficou com nove sujeitos e o Grupo 2 (G2), com dez.

A [Tabela 1](#) apresenta uma caracterização dos dois grupos e da amostra total quanto a idade, escolaridade, atraso escolar dos adolescentes, escolaridade dos pais, pais e adolescentes que trabalham, tempo decorrido entre a alta clínica e seguimento e composição familiar.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Tabela 1. Caracterização da Amostra

Variável		G1	G2	Amostra Total
Sexo	masculino	6	4	26
	feminino	3	6	15
idade em anos	11-12	3	4	10
	13-14	2	2	17
	15-17	4	4	14
	3ª - 4ª	2	2	9
escolaridade	5ª	3	4	16
	6ª	2	3	10
	7ª	1	1	3
	classe especial	0	0	1
	não estuda	1	0	2
QI	< 70	2	2	10
	70 - 79	2	4	12
	≥80	5	5	19
atraso escolar em anos	0	1	2	3
	1 - 2	4	4	20
	3 - 4	3	2	7
	5 - 8	1	2	7
escolaridade da mãe	analfabeta	1	1	3
	1 a 4 anos	3	6	18
	5 a 8 anos	2	1	11
	9 anos ou mais	3	2	9
escolaridade do pai	não consta	1	1	4
	analfabeto	1	0	1
	1 a 4 anos	3	5	14
	5 a 8 anos	2	2	16
	9 anos ou mais	2	2	6

Tabela 1. Caracterização da Amostra (continuação)

aqueles que trabalham	pai	6	10	32
	mãe	8	4	22
	adolescente	1	3	4
período entre alta e seguimento	2 anos	4	4	14
	3 anos	1	2	11
	4 anos	4	4	16
composição familiar	mãe e pai biológicos, irmãos e outros	7	8	28
	somente mãe	0	0	1
	mãe biológica, pai substituto, irmãos e outros	0	1	2
	mãe biológica e outros	1	0	7
	outros	1	1	3

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Os resultados obtidos nos dois grupos foram comparados através do Teste U de *Mann-Whitney* ($p = 0,05$).

Resultados

Primeiramente serão apresentados os resultados referentes às características das crianças e das famílias no início do atendimento, obtidos através da classificação dos registros das entrevistas de *anamnese*. A [Tabela 2](#) apresenta os resultados da análise estatística. Nesta tabela, como nas demais, foram incluídas médias e valores de $p = 0,10$ a fim de permitir não apenas a identificação das diferenças significativas entre os grupos, mas também a visualização de tendências nos dados.

Tabela 2. Diferenças entre o Grupo G1 e o Grupo G2, no Início do Atendimento, nos Itens Recursos e Adversidades da Família e Recursos e Dificuldades da Criança

Variável	Médias	G1	G2	p
<i>Adversidades da família</i>				
Condições pré-natais	1,2	1,0	n. s.	
Adversidades crônicas	1,1	0,7	0,021	
Eventos desestabilizadores	0,9	0,6	n. s.	
Relacionamentos pais-criança	2,1	0,5	0,029	
Sentimentos e crenças dos pais	0,3	0,0	n. s.	
Sobre os filhos				
Condições adversas incidindo sobre a mãe	0,9	0,0	0,008	
Práticas educativas	1,2	0,8	n. s.	
Falha apoio desenvolvimento e aprendizagem	1,0	0,7	n. s.	
Outras dificuldades	0,4	0,3	n. s.	
Ambiente social mais amplo	0,3	0,0	n. s.	
Total de adversidades no ambiente	10,0	4,0	0,004	
<i>Recursos da família</i>				
Condições estáveis	0,7	0,7	n. s.	
Relacionamentos pais-criança	1,4	1,9	n. s.	
Práticas educativas	1,1	1,1	n. s.	
Apoio para desenvolvimento e aprendizagem	4,1	2,5	0,090	
Outros recursos	0,1	0,2	n. s.	
Total de recursos no ambiente	7,4	6,3	n. s.	
<i>Dificuldades da criança</i>				
Funcionamento cognitivo	0,8	1,2	n. s.	
Área escolar	3,9	2,8	n. s.	
Humor e afetos	2,6	1,5	0,098	
Sociabilidade	3,8	1,7	0,042	
Habilidades de vida diária	1,2	0,5	n. s.	
Comportamento funcional	2,4	1,3	0,052	
Outras dificuldades	1,0	1,4	n. s.	
Total de dificuldades da criança	15,7	10,4	0,012	
<i>Recursos da criança</i>				
Funcionamento cognitivo	0,6	0,3	0,071	
Área escolar	1,7	0,8	n. s.	
Humor e afetos	1,1	1,0	n. s.	
Sociabilidade	1,7	2,7	0,052	
Habilidades de vida diária	2,2	2,5	n. s.	
Total de recursos da criança	8,3	7,3	n. s.	

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Observa-se na [Tabela 2](#) que, nas variáveis onde se detectou diferença significativa, os escores referentes às adversidades das famílias e dificuldades das crianças no início são sempre maiores em G1, o grupo mais prejudicado no seguimento.

[Tabela 2.](#) Diferenças entre o Grupo G1 e o Grupo G2, no Início do Atendimento, nos Itens Recursos e Adversidades da Família e Recursos e Dificuldades da Criança

Duas variáveis mostraram resultados próximos ao nível de significância considerado no trabalho (0,05). Essas variáveis foram: dificuldade da criança quanto ao comportamento funcional, na qual G1 apresentou média maior que G2 e recursos da criança quanto à sociabilidade, na qual G1 apresentou média menor que G2.

As [Tabelas 3](#) a [5](#) apresentam os resultados referentes às condições dos adolescentes e das famílias no seguimento. Esses dados foram obtidos através do *Roteiro de Entrevista de Seguimento* com mãe/responsável, da *ECI* e do *Questionário de Monitoramento Parental*. Observa-se na [Tabela 3](#) que G1 apresenta um número significativamente maior de adversidades relacionadas à família e dificuldades relacionadas ao adolescente. Essas adversidades e dificuldades estão ligadas a aprendizagem, sociabilidade e relacionamentos. Quanto aos recursos dos adolescentes no seguimento, os adolescentes de G2 apresentam mais recursos relacionados à escolaridade e um maior número total de recursos.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Tabela 3. Diferenças dos Itens Recursos e Adversidades da Família e Recursos e Dificuldades da criança entre G1 e G2, no Seguimento

Variável	Médias	G1	G2	p
<i>Adversidades da família</i>				
Adversidades crônicas	1,4	0,5	0,037	
Eventos desestabilizadores	0,8	0,4	n. s.	
Relacionamento pais-adolescentes	1,7	0,5	0,031	
Sentimentos e crenças dos pais sobre os filhos	0,6	0,0	0,022	
Práticas educativas	1,7	0,7	0,088	
Condições adversas incidindo sobre a mãe	1,0	0,3	0,058	
Falha apoio desenvolvimento e aprendizagem	1,9	0,2	0,002	
Outras dificuldades	0,3	0,1	n. s.	
Ambiente social mais amplo	0,6	0,0	0,022	
Total de adversidades no ambiente	9,9	2,9	0,001	
<i>Recursos da família</i>				
Condições estáveis	0,4	0,9	0,091	
Relacionamentos pais-filho	2,2	2,3	n. s.	
Sent. e crenças dos pais-sobre os filhos	0,1	0,0	n. s.	
Práticas educativas	2,0	1,4	n. s.	
Apoio para desenvolvimento e aprendizagem	2,6	2,6	n. s.	
Outros recursos	0,1	0,1	n. s.	
Total de recursos no ambiente	7,0	7,3	n. s.	
<i>Dificuldades do adolescente</i>				
Funcionamento cognitivo	0,9	0,3	n. s.	
Área escolar	3,3	0,6	0,000	
Humor e afetos	2,4	0,5	0,007	
Sociabilidade	3,4	0,8	0,002	
Habilidades de vida diária	1,0	0,3	0,058	
Comportamento funcional	1,1	0,6	n. s.	
Outras dificuldades	0,9	0,4	0,079	
Total de dificuldades do adolescente	13,1	3,5	0,0001	
<i>Recursos do adolescente</i>				
Funcionamento cognitivo	0,1	0,0	n. s.	
Área escolar	1,5	2,9	0,012	
Humor e afetos	1,3	0,7	n. s.	
Sociabilidade	1,9	2,9	0,091	
Habilidades de vida diária	2,8	3,2	n. s.	
Total de recursos do adolescente	7,7	9,7	0,039	

Novamente duas variáveis atingiram um nível de significância próximo ao aceito pelo trabalho; estas variáveis foram: condições adversas incidindo sobre a mãe e dificuldades da criança nas habilidades de vida diária. Em ambas, G1 apresentou média maior que G2.

A [Tabela 4](#) mostra as diferenças entre os grupos, no seguimento, em itens relativos a problemas de comportamentos da ECI. Pode-se constatar que todas diferenças significativas dão vantagem a G2, inclusive no escore global. Segundo a padronização de Graminha (1994), quando o escore global na ECI é maior que 16, isto sinaliza necessidade de atendimento psicológico ou psiquiátrico na percepção dos pais. Uma inspeção dos dados mostrou que, dos nove sujeitos de G1, oito ultrapassaram o escore 16, enquanto apenas três dos dez sujeitos de G2 ultrapassaram este escore.

PSICOLOGIA REFLEXAO E CRITICA

Tabela 5. Diferenças entre os Grupos G1 e G2, no Seguimento, em Itens do Questionário de Monitoramento Parental

Variável	Médias	G1	G2	p
<i>Monitoramento pelo pai</i>				
Quando tem problema fora conta para o pai	0,3	0,7	n. s.	
Pode contar com o pai quando tem problema	0,9	1,5	n. s.	
Pai incentiva a fazer sempre o melhor	0,9	1,7	0,075	
Pai incentiva a ser independente	0,0	1,6	0,0001	
Pai ajuda nos trabalhos escolares	0,7	0,8	n. s.	
Pai fica sabendo de notas boas	1,1	1,6	n. s.	
Pai fala algo quando tira nota boa	0,9	1,1	n. s.	
Pai fica sabendo de nota ruim	0,9	1,3	n. s.	
Pai fala algo quando tira nota ruim	0,9	1,2	n. s.	
Quando quer que faça algo o pai explica o porquê	0,7	1,2	n. s.	
Pai conhece os amigos do filho	0,8	1,4	n. s.	
Pai sabe onde o filho está quando não está em casa	1,1	1,1	n. s.	
Total de monitoramento do pai	9,1	15,4	n. s.	
<i>Monitoramento pela mãe</i>				
Quando tem problema fora conta para a mãe	1,3	1,5	n. s.	
Pode contar com a mãe quando tem problema	1,4	2,7	n. s.	
Mãe incentiva a fazer sempre o melhor	1,7	2,0	n. s.	
Mãe incentiva a ser independente	0,7	1,9	0,006	
Mãe ajuda nos trabalhos escolares	1,2	1,3	n. s.	
Mãe fica sabendo de notas boas	1,8	1,9	n. s.	
Mãe fala algo quando tira nota boa	1,8	1,7	n. s.	
Mãe fica sabendo de nota ruim	1,1	1,4	n. s.	
Mãe fala algo quando tira nota ruim	1,9	1,6	n. s.	
Quando quer que faça algo a mãe explica o porquê	1,1	1,9	0,063	
Mãe conhece os amigos do filho	1,2	1,8	0,086	
Mãe sabe onde o filho está quando não em casa	1,6	1,8	n. s.	
Total de monitoramento da mãe	16	20,5	0,065	
<i>Monitoramento dos pais em conjunto</i>				
Tem hora para chegar em casa durante a semana	1,4	1,1	n. s.	
Tem hora para chegar nos finais de semana	1,3	0,9	n. s.	
Família costuma fazer atividade junta	1,1	1,7	n. s.	
Pais costumam conversar com o filho	0,6	1,8	0,005	
Total de monitoramento dos pais	4,6	5,5	n. s.	

Tabela 4. Diferenças entre os grupos G1 e G2, no Seguimento, em Itens do Questionário de Problemas de Comportamento da EC

Variável	Médias
Saúde: Tem dores de cabeça	
Tem dor de estômago e vômito	
Asma ou crises respiratórias	
Faz xixi na cama ou nas calças	
Faz cocô na roupa	
Fica mal humorado e nervoso	
Dá trabalho ao chegar/entrar na escola	
Escore total relativo à saúde	
Hábitos: Gagueja	
Dificuldade com a fala	
Rouba/pega coisas dos outros escondido	
Dificuldade na alimentação	
Dificuldade com o sono	
Medo de alguma coisa	
Movimento repetitivo no corpo ou tique	
Escore total relativo a hábitos	
Comportamentos: Agitado	
Impaciente e irrequieto	
Destroi suas próprias coisas/dos outros	
Briga frequentemente	
Não é querido pelas outras crianças	
Fica facilmente preocupado	
Tende a ser fechado e solitário	
Irritável	
Frequentemente parece tristonho	
Chupa frequentemente os dedos	
Roi frequentemente as unhas	
Muitas vezes desobediente	
Fica pouco tempo em uma atividade	
Tem medo de situações/coisas novas	
É uma criança difícil, complicada	
Muitas vezes fala mentira	
Maltrata outras crianças	
Fala palavrões	
Muito agarrado à mãe	
Acanhado com pouco conhecidos	
Inseguro, não tem auto-confiança	
Escore total relativo a comportamento	
Escore global na ECI	

A [Tabela 5](#) mostra os dados referentes ao monitoramento que os pais individualmente ou em conjunto prestam aos filhos, na percepção dos adolescentes. Observa-se que pais e mães de G2 aparecem como incentivando mais seus filhos a serem independentes, além de conjuntamente conversarem mais com eles. Uma variável que apareceu como tendo índice de significância próximo ao considerado pelo trabalho foi o total de monitoramento das mães, no qual G2 apresenta média maior que G1.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

[Tabela 3.](#) Diferenças dos Itens Recursos e Adversidades da Família e Recursos e Dificuldades da criança entre G1 e G2, no Seguimento

[Tabela 4.](#) Diferenças entre os grupos G1 e G2, no seguimento, em Itens Relativos a Problemas de Comportamento da ECI

[Tabela 5.](#) Diferenças entre os Grupos G1 e G2, no Seguimento, em Itens do Questionário de Monitoramento Parental

Discussão

O presente trabalho teve como objetivo verificar como se encontram, quanto a condições adaptativas, ex-clientes de uma clínica-escola de Psicologia que foram atendidos por dificuldades de aprendizagem e receberam alta clínica. Procurou-se alcançar esse objetivo através de um estudo de seguimento, em que a situação pessoal do adolescente é relacionada com variáveis ambientais e características pessoais, relatadas na ocasião do atendimento e no seguimento.

A avaliação clínica dos adolescentes, no seguimento, mostrou que pelo menos um em cada cinco apresentava problemas adaptativos sérios, requerendo ajuda especializada. Esse resultado coincide com o do estudo de seguimento relatado por Marturano (1997). Comparando-se o grupo que apresentava maiores dificuldades adaptativas no seguimento, necessitando de encaminhamentos a serviços de saúde mental, ao grupo com melhores condições adaptativas no seguimento, os resultados encontrados confirmaram dados da literatura, indicando a persistência da associação entre dificuldades de aprendizagem e de sociabilidade entre a meninice a adolescência (Kavale, 1988; McKinney, 1989).

Somando-se à condição antecedente de maior vulnerabilidade pessoal na meninice, os adolescentes mais prejudicados parecem ter sofrido maior acúmulo de adversidade familiar naquela fase. Algumas condições se repetem nos dois momentos, sugerindo estabilidade em fatores negativos como adversidade crônica e problemas de relacionamento pais-criança. Sendo o contexto familiar a principal fonte externa de recursos de que a criança dispõe para lidar com a adversidade, pode-se supor que a sobrecarga de situações adversas tenha tornado menos potente o suporte oferecido pela família.

Uma variável que merece atenção especial no seguimento é a relacionada às dificuldades de relacionamento pais-filhos, que neste período da adolescência tem uma implicação ainda maior no ajustamento do adolescente. As dificuldades de relacionamento pais-filhos reforçam nos filhos a busca de companheiros que nem sempre são adequados. Existe ainda a tendência dos filhos, a repetir com os pares os modelos de relacionamento que aprendem com os pais, passando muitas vezes a serem discriminados, visto que não apresentam condutas esperadas pelo grupo de pares (Hart e cols., 1990).

Enquanto as características pessoais e familiares vinculadas às relações interpessoais parecem estáveis, diferenciando os grupos desde a meninice, as diferenças na esfera da escolaridade só aparecem no seguimento, afetando tanto os adolescentes como suas famílias. No momento atual, em relação à escolaridade, não só as dificuldades familiares e pessoais do grupo mais vulnerável são maiores, como também seus recursos são mais reduzidos. Por outro lado, o grupo mais adaptado apresenta maior diversidade de recursos, que podem estar atuando como agentes protetores. Pode-se supor que, ao longo do tempo, efeitos interacionais cumulativos entre características pessoais e ambientais tenham conduzido as crianças dos dois grupos a diferentes trajetórias escolares. As crianças com menos dificuldades pessoais/familiares

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

puderam superar a dificuldade escolar precoce, ao passo que, naquelas com maiores dificuldades, os problemas escolares persistiram.

Os resultados fornecidos pela ECI mostram que os adolescentes mais prejudicados efetivamente apresentaram escore bem acima do *ponto de corte* estabelecido por Graminha (1994) como sendo indicador de problemas de comportamento. Esse grupo também apresentou maiores escores em itens como: impaciência, medo ou receio de situações novas, mentira e insegurança, que de certa forma estão relacionados a dificuldades de auto-controle e baixa auto-estima. As diferentes formas de os pais educarem e interagirem com seus filhos influem no desenvolvimento do auto-controle e de uma boa auto-estima (Brown, Mounts, Lamborn & Steinberg, 1993; Feldman & Weinberger, 1994; Fuligni & Eccles, 1993; Steinberg, Lamborn, Dornbush & Darlin, 1992; Tremblay & Haapasalo, 1994; Vuchinich, Bank & Patterson, 1992). Este fato parece claro ao observarmos os resultados do grupo mais vulnerável, onde a família, tanto no início como no seguimento, apresentou maiores dificuldades ligadas ao relacionamento pais-filhos, ficando difícil proporcionar o desenvolvimento destes sentimentos nos filhos. Estes dados parecem ainda diretamente ligados ao fato de as famílias deste grupo, desde o início, apresentarem um maior número de adversidades. Diferentes situações de *stress* interferem sobre as práticas educativas dos pais, fazendo com que estas se tornem menos efetivas, parecendo ter efeitos diretos no ajustamento dos filhos (Fergusson e cols., 1990).

Quanto aos itens relativos ao monitoramento dos pais aos filhos, relatado pelos adolescentes, pode-se observar que os itens com diferenças significativas entre os grupos foram o incentivo da mãe para o filho ser independente, incentivo do pai para o filho ser independente e a prática de os pais conversarem conjuntamente com seus filhos. Estes itens parecem também diretamente ligados a formas de práticas educativas. Práticas educativas assertivas são aquelas que respeitam as novas necessidades do adolescente, colocam limites claros, deixam que os filhos participem das decisões da família e comunicam a estes o porque de suas atitudes, ou seja, uma prática com autoridade e não autoritária ou permissiva. Pais que usam de práticas mais assertivas costumam ter filhos melhor ajustados sócio-emocionalmente (Brown e cols., 1993; Fuligni & Eccles, 1993; Steinberg e cols., 1992; Vuchinich e cols., 1992).

Observou-se que os resultados encontrados estão coerentes com a literatura, enfatizando a necessidade de seguimento dos ex-clientes e suas famílias, pois uma parte deles apresentou dificuldades posteriores de adaptação, sinalizando vivenciar adversidades familiares e problemas pessoais.

Nota-se, através dos resultados obtidos, que as inter-relações existentes entre o indivíduo e sua família afetam o nível de ajustamento psicossocial. A família deveria constituir a principal fonte de suporte aos filhos, já que quanto mais íntimas forem as relações, maior a probabilidade de o suporte ser efetivo. No entanto, sabe-se que muitas vezes a família torna-se a principal fonte de stress do filho (Hobfoll, Freedy, Lane & Geller, 1990). Tem-se, assim, que indivíduos que contam com mais condições favoráveis ao longo de seu desenvolvimento tornam-se melhor adaptados. Em consonância com um dos pressupostos adotados neste trabalho, verificou-se que adolescentes com melhor adaptação atual contaram efetivamente com condições mais favoráveis, pessoais e familiares, na infância e na adolescência.

Referências

Brown, B.B., Mounts, N., Lamborn, L.D., & Steinberg, L. (1993). Parenting practices and peer group affiliation in adolescence. *Child Development*, 64, 467-482.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Debarsyshe, B.D., Patterson, G.R., & Capaldi, D.M. (1993). A performance model for academic achievement in early adolescent boys. *Developmental Psychology*, 29, 795-804.

Dodge, K.A. (1990). Development psychopathology in children of depressed mothers. *Developmental Psychology*, 31, 425-427.

Erikson, E.H. (1971). *Infância e sociedade*. (Gildásio Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Fauber, R., Forehand, R., McThomas, A., & Wierson, M. (1990). A mediational model of the impact of marital conflict on adolescent adjustment in intact and divorced families: The role of disrupted parenting. *Child Development*, 61, 1112-1123.

Feldman, S.S. & Weinberger, D.A. (1994). Self-restraint as a mediator family influences on boy's delinquent behavior: A longitudinal study. *Child Development*, 65, 195-211.

Fergusson, D.M., Horwood, L.J., & Lawton, J.M. (1990). Vulnerability to childhood problems and family social background. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 31, 1145-1160.

Fulgini, A.J. & Eccles, J.S. (1993). Perceived parent-child relationships and early adolescents orientation toward peers. *Developmental Psychology*, 29, 622-632.

Ginsburg, G.S. & Bronstein, P. (1993). Family factors related to children's intrinsic/extrinsic motivational orientation and academic performance. *Child Development*, 64, 1461-1474.

Goodyer, I., Wright, C., & Altham, P. (1990). Recent achievements and adversities in anxious and depressed school age children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 31, 1063- 1077.

Graminha, S.S.V. (1994). Problemas emocionais/comportamentais em uma amostra de escolares: Incidência em função do sexo e idade. *Psico*, 25, 49-74.

Grych, J.H., & Fincham, F.D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267-290.

Günther, I.A. (1996). Preocupações de adolescentes ou os jovens têm na cabeça mais do que bonés. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12, 61-69.

Hart, C.H., Ladd, G.W., & Burleson, B.R. (1990). Children's expectations of the outcomes of social strategies: Relations with sociometric status and maternal disciplinary styles. *Child Development*, 61, 127-137.

Hinshaw, S.P. (1992) Externalizing behavior problems and academic underachievement in childhood and adolescence: Causal relationships and underlying mechanisms. *Psychological Bulletin*, 111, 127-155.

Hobfoll, S.E., Freedy, J., Lane, C., & Geller, P. (1990). Conservation of social resources: Social support resource theory. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 465-478.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Kavale, K.A. (1988). The long-term consequences of learning disabilities. Em M.C. Wang, M.C. Reynolds & H.J. Walberg (Orgs.), *Handbook of special education research and practice: Mildly handicapped conditions* (Vol. 2, pp.303-344). Great Britain: BPCC Wheton, Exeter.

Kavale, K.A. & Forness, S.R. (1996). Social skill deficits and learning disabilities: A meta-analysis. *Journal of Learning Disabilities*, 29, 226-237.

Marturano, E.M. (1997). A criança, o insucesso escolar precoce e a família: Condições de resiliência e vulnerabilidade. Em E.M. Marturano, S.R. Loureiro & A.W. Zuardi (Orgs.), *Estudos em saúde mental* (pp.130-149). Ribeirão Preto, CPG em Saúde Mental-FMRP/USP.

Marturano, E.M., Alves, M.V., & Santa Maria, M.R. (1996). Crianças com dificuldades escolares: Recursos e adversidades na família [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas, XXVI Reunião Anual de Psicologia* (p.117). Ribeirão Preto: SP.

Maughan, B., Gray, G., & Rutter, M. (1985). Reading retardation and antisocial behaviour: A follow-up into employment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 26, 741-758.

McKinney, J.D. (1989). Longitudinal research on the behavioral characteristics of children with learning disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, 3, 141 - 150.

McNally, S., Eisenberg, N., & Harris, J. D. (1991). Consistency and change in maternal child-rearing practices and values: A longitudinal study. *Child Development*, 62, 190-198.

Pain, S. (1985). *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rutter, M. & Yule, N. (1977). Reading difficulties. Em M. Rutter & L. Hersov (Orgs.), *Child Psychiatry: Modern approaches* (pp.556-580). Oxford, Blackwell.

Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57, 316 - 331.

Sameroff, A.J., Seifer, R., Baldwin, A., & Baldwin, C. (1993). Stability of intelligence from preschool to adolescence: The influence of social and family risk factors. *Child Development*, 64, 80-97.

Sitlington, P.L. (1996). Transition to living: The neglected component of transition programming for individuals with learning disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, 52, 31- 39.

Spreen, O. (1982). Adult outcome of reading disorders. Em R.N. Malatesha & P.G. Aaron (Orgs.), *Reading disorders: Varieties and treatments* (pp.473-492). New York: Academic Press.

Steinberg, L., Lamborn, S.D., Dornbusch, S.M., & Darlin, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Tremblay, R.E. & Haapasalo, J. (1994). Physically aggressive boys from ages 6 to 12: Family background, parenting behavior, and prediction of delinquency. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62, 1044-1052.

Vuchinich, S., Bank, L., & Patterson, G. (1992). Parenting, peers, and the stability of antisocial behavior in preadolescent boys. *Developmental Psychology*, 28, 510-521.

Sobre as autoras:

Luciana Carla dos Santos é Psicóloga, Especialista em Problemas de Aprendizagem e Psicopedagogia, Mestre em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo e Doutoranda em Psicologia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Desenvolve pesquisas sobre intervenção preventiva, orientada para o fortalecimento de habilidades de solução de problemas interpessoais em crianças com dificuldades escolares associadas a problemas de comportamento.

Edna Maria Marturano é Psicóloga, Professora Titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP e Docente nos Cursos de Pós-Graduação em Ciências Médicas (área de Saúde Mental) e Psicologia, na Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto. Coordena o Ambulatório de Psicologia Infantil do Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto, onde mantém atividades de pesquisa, formação de recursos humanos e desenvolvimento de intervenções preventivas, focalizando crianças que vivem em situação de risco psicossocial e suas famílias.

¹Endereço para correspondência: Av. 9 de Julho, 980, Ribeirão Preto, São Paulo, 14025-000.
E-mail: emmartur@netsite.com.br .

²Apoio FAPESP.